

REVISTA PALETA



nº 2 - ano I - dezembro 2021



VI SALÃO DORIAN GRAY E CORES DO INTERIOR
MUSEU CAFÉ FILHO
9 a 22 de dezembro

AMIGOS DA PINACOTECA

Diretor Executivo
Iaperi Soares de Araújo

Diretora Administrativa Financeira
Ana Neuma Teixeira de Lima

Diretor Técnico
Antônio Marques e Carvalho Júnior

Secretária Executiva
Maria Geruza Soares Câmara

Contador
Ramires Martins de Sousa

Conselho Fiscal
. Emanuel Ferreira do Nascimento
. Daniel Melo de Lima Martins
. Rosa Maria da Costa
. Felipe Fernando N. M. Nascimento
. Cláudio Marques Alves

Editor da Revista Paleta
Alfredo Neves

Curadores
Dione Caldas – Cores do Interior
Manoel Onofre Neto - VI Salão Dorian Gray

Assessoria de Imprensa
Sérgio Lima

Conselho Editorial
Isaura Amélia
Manoel Onofre Neto
Dione Caldas
Maria Geruza Soares Câmara
Vicente Vitoriano
Alex Gurgel
Adriano Caldas
Thiago Gonzaga

Diagramação
Edilson Martins



Capa:
Foto: Dalvaci Neves



Contracapa:
Ângelo Jotó
Foto: Marcelo Barroso

*O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos autores

Sumário

Editorial	04
VI Salão Dorian Gray de Arte Potiguar e Festival Cores do Interior	05
Fotografia se aprende fotografando	06
Oficina de restauração em pintura de cavalete	08
O expressionismo abstrato de Alfredo Neves	09
GUAP – 20 ANOS.....	12
O ser sensível na vida e obra de Dorian Gray Caldas	16
Pinacoteca reaberta e Cores do Interior investindo em traços, cores e talentos.....	19
Estética e teorias da arte	22
III BINaif de Socorro-SP.....	25
Em torno do Beco... ..	29
Da arte bruta e da arte naife	34

Foto: Luiza Gurgel



Imagem do Salão Dorian Gray e Cores do Interior em Mossoró no Teatro Lauro Monte

Editorial

Não é nada fácil contemplar a Arte enquanto manifestação que parte do âmago do ser humano. Muitos poderiam dizer, como assim? Se a contemplação é uma condição Sine Qua Non do ato de observar o sublime? Pois bem, a Arte, com a letra “A” em maiúscula, por si só já causa desarmonia e um debate sem fim sobre o que gostamos e não gostamos do que é produzido pelo artista plástico e o movimento em que ele é inserido. O nada fácil está no sentido de dizer que nem tudo que é produzido no mundo da Arte é carregado de unanimidade, ou seja, fazer Arte é um desafio para poucos.

A Revista Paleta a partir da nº 1 trouxe nas suas ricas e coloridas páginas artes que divulgam estilos e estéticas admiradas e, porque não dizer, também criticadas por muitos. Mas a crítica aqui manifesta é a construtiva, aquela que diz que deveria ser assim ou daquele jeito, e que ao final os aplausos são totalmente para o conjunto magnífico da obra. Esta é a essência da Arte, dos seus artistas e das suas engenhosas produções.

Do catálogo transformado em nº 1 a nº 2 que nada mais é do que a continuação de um ideal em divulgar os artistas e as suas belas obras no Rio Grande do Norte, a Paleta é um nascer que teimará em se manter como uma revista de arte e cultura. Para isto há por trás de tudo um trabalho incansável de Isaura Rosado, Dione Caldas, Iaperi Araújo, Geruza Câmara, Manoel Onofre Neto, e tantos amigos e amigas que tem contribuído para a divulgação dos trabalhos de tantos artistas.

A Paleta é bem-vinda, e com ela um pouco do que construímos para o espaço necessário ocupado pelos que gostam de contribuir por um mundo de cores eternizado em várias plataformas da produção artística.

Boa Leitura!

Alfredo Neves

Capa

VI Salão Dorian Gray de Arte Potiguar e Festival Cores do Interior



¹*Manoel Onofre de Souza Neto*

Vindo de Mossoró, instalou-se em Natal, às 18h do nono dia do mês de dezembro, no Museu Café Filho, o VI Salão Dorian Gray de Arte Potiguar, juntamente com o Festival de Cores do Interior. Artistas iniciantes e com reconhecido percurso se juntam nesta festa das artes visuais do Rio Grande do Norte. A mostra, bastante festejada e concorrida, permanece aberta até o dia 21.

Os salões de arte têm nascedouro e forte apelo na França nos séculos XVIII e XIX. A partir deles é semeada a aproximação definitiva das artes à literatura, com o surgimento da crítica de arte. Porém, o aspecto de maior valia é, seguramente, a democratização do acesso expositivo aos artistas principiantes. Constitui-se numa fórmula em que a visibilidade é facultada a todos que se arvoram no universo criativo, resultando em um privilegiado passaporte ao complexo e matizado “mundo das artes”.

Pois bem, arvorando-se dessa festejada fórmula e comungando com os mesmos princípios – de democratização ao acesso expositivo e compromisso com a construção e o registro da trajetória artística potiguar, a Sociedade Amigos da Pinacoteca vem, insistente e aguerridamente,

editando o Salão Dorian Gray de Arte Potiguar, já consolidado como o evento mais representativo do calendário das artes visuais do Estado do Rio Grande do Norte.

Nesta sexta versão, o Salão Dorian Gray de Arte Potiguar atinge sua maturidade, seja pela diversidade de estilos e produções, seja pela presença dos mais aclamados artistas potiguares, ladeados por uma potente e criativa geração de novos artistas, perfazendo ao todo cerca de 140 artistas visuais potiguares, nas mais variadas expressões, dentre elas pintura, escultura, fotografia, desenho e instalações. O Festival Cores do Interior, por sua vez, homenageia o Potiguar Antônio Roseno de Lima, fotógrafo e pintor nascido em Alexandria/RN (1926-1998), com vasta produção em São Paulo, onde trabalhou e terminou seus dias. A trajetória de Roseno vem sendo estudada pelo Prof. Geraldo Porto, da UNICAMP. O artista potiguar tem sua obra internacionalmente divulgada, presente nos diversos dos museus e catálogos de arte bruta.

Faz-se necessário parabenizar a Sociedade Amigos da Pinacoteca e os artistas visuais potiguares que, mesmo diante de complexas adversidades, persistem em alimentar o nosso espírito com o bálsamo da arte. O homenageado, que empresta o nome ao Salão, seguramente o maior expoente das artes visuais em nosso Estado, o artista Dorian Gray, não deve caber em tamanho contentamento, regozijando-se em saber, no plano espiritual, que o seu nome en-carta virtuosa manifestação artística no Estado que o consagrou.

¹ Frequenta cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, Arte Contemporânea e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ, na UFRN e em outras instituições. Realiza estudos sobre História da Arte, Coleccionismo, Museologia e Mercado de Arte. Incentiva e divulga artistas plásticos norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

Fotografia se aprende fotografando



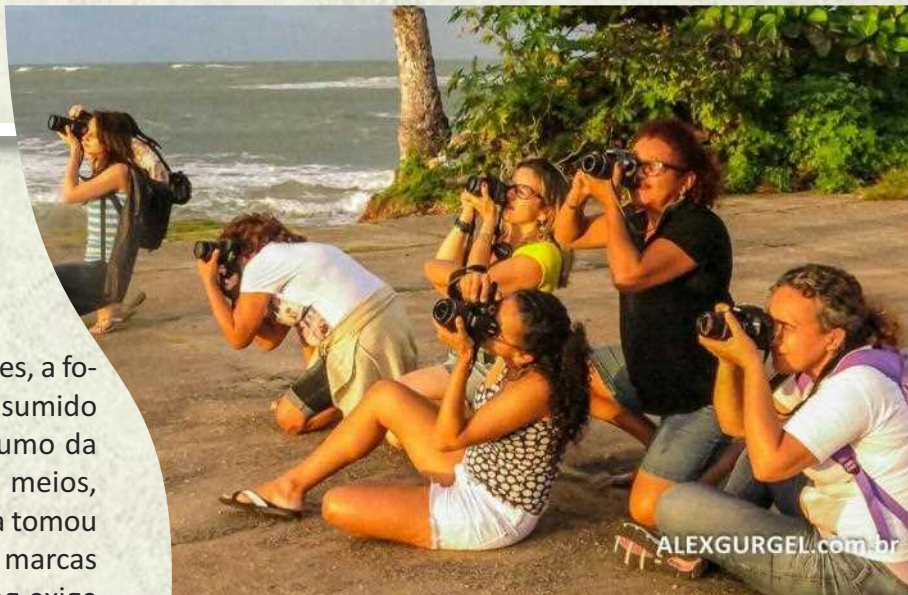
Alex Gurgel

Fotógrafo, jornalista e professor de fotografia

Segundo uma pesquisa da BBC de Londres, a fotografia é o segundo produto mais consumido no mundo, só perdendo para o consumo da água. A comunicação visual está em todos os meios, principalmente pela internet aonde a fotografia tomou conta dos principais blogs e das mais famosas marcas de produtos quando a produção de marketing exige uma fotografia que se comunique rapidamente com seu consumidor.

Já foi dito que uma imagem vale mais do que mil palavras. Porém, é preciso que a pessoa possa ler a imagem e não somente olhar para uma fotografia. Segundo o fotógrafo e advogado goiano Jefferson Luiz Maleski, o escritor e o fotógrafo utilizam as mesmas ferramentas, mas enquanto um descreve uma imagem com mil palavras o outro descreve mil palavras com uma imagem.

Desde que Dom Pedro II trouxe a fotografia para o Brasil, por volta de 1840, a fotografia conquistou o gosto dos brasileiros ao ponto de hoje, o fotógrafo Sebastião Salgado ser considerado um dos melhores do mundo em sua área. Com o advento das câmeras e celulares digitais ficou muito fácil para qualquer pessoa capturar uma fotografia. Mas, de acordo com fotojor-



nalista canadense Claude Adams, ter uma câmera faz de uma pessoa um fotógrafo assim como ter um bisturi faz de ninguém um cirurgião.

Quem quer aprender a fazer fotografias tem que estudar para saber como compor uma cena. Os cursos de fotografias são bons para que a pessoa possa ler uma fotografia e até entender as fotos expostas numa exposição fotográfica. Porém, para ser um bom fotógrafo é preciso conhecer o equipamento que tem em mãos para não perder tempo tentando encontrar certa função, ou tentando entender o que a sua câmera fotográfica oferece, independente se ela é do celular, uma câmera compacta digital, ou uma DSLR profissional.

Para entender a filosofia prática da fotografia tem que seguir os ensinamentos do mestre francês Herry Cartier Bresson quando ele diz: “De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e fugidio. Nós fotógrafos, temos que enfrentar coisas que estão em contínuo transe de se esfumar; e quando já se esfumaram, não há nada neste mundo que faça com que voltem. Evidentemente, não podemos revelar e copiar uma recordação”.

Em Natal, há uma escola de fotografia, o Engenho de Fotos que há quase 10 anos ensina às pessoas a enxergarem além do básico, formando fotógrafos premiados. Hoje em dia, devido a pandemia, parte das aulas são on line e ao vivo (nada gravado) com aulas práticas presenciais sob orientação de um professor. Normalmente, as aulas práticas de fotografia são realizadas em cartões postais de Natal como Jenipabu, Ponta Negra ou Pirangy.

Sempre há turmas abertas e para participar. Basta ter uma câmera (simples ou profissional) ou mesmo usando a câmera do celular para as práticas.

No Engenho de Fotos se dar muita ênfase para as práticas fotográficas porque fotografia se aprende fotografia já parafraseando o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade quando escreveu em o verso: “Amar se aprende amando”.

Engenho de Fotos – Escola de Fotografia

Tele/zap: [84] 9 8896-5436

Site: www.engenhodefotos.com



Oficina de restauração em pintura de cavalete



Profa. Geruza Câmara

Arte Educadora, com habilitação em desenho, Geógrafa, Professora universitária e Museóloga

Realizada pela SAPP (Sociedade Amigos da Pinacoteca Potiguar), Mandato do Deputado Federal Beto Rosado e Apoio da Prefeitura Municipal de Mossoró. A oficina aconteceu nos dias 26, 27, 28, 29 e 30 de novembro, e 01 de dezembro e contou com 30 participantes sendo a maioria artistas plásticos de Mossoró e adjacências. Com duração de 40 horas, a oficina foi ministrada pelo professor doutor Francisco Alves Ferreira que há mais de 30 anos trabalha no ramo da restauração de antiguidades em porcelana, biscuit, petit bronze, mármore e quadros a óleo, com atuação, também na área de Escultura e pintura.

Os participantes contaram com aulas teóricas e práticas de: Conservação e Restauo, Estrutura da pintura sobre tela, Materiais utilizados, Fatores de degradação dos quadros, Diagnóstico, Troca de bastidor, Reentelamento, Limpeza, Aplicação de estuque, Restituição de camada pictórica.

Ficou evidente a importância do conhecimento sobre restauração, que embora seja uma área que exige anos de estudo, é possível cuidar da conservação e recuperação de pinturas com intervenções de materiais diversos, atenção, paciência e dedicação. Enfim o curso



acrescentou bastante na prática artística dos participantes.

Já se anuncia para 09 a 12 de dezembro, também na Escola de Artes de Mossoró, a Oficina de Molduras com o artista plástico Vatenor de Oliveira.

O expressionismo abstrato de Alfredo Neves



Thiago Gonzaga

Doutorando em Literatura Comparada (UFRN), mestre em estudos da linguagem (UFRN) e especialista em literatura e cultura do RN (UFRN).

O dramaturgo e jornalista gaúcho Pedro Augusto Gomes Cardim, que fundou, em 1925, a Academia de Belas Artes de São Paulo, disse certa vez, referindo-se à liberdade do artista para voar livre em seu ofício: “há quem julgue as obras de arte produzidas sem regras nem preceitos, sob o domínio do imprevisito, sem princípios, manifestados arbitrariamente, consoante a força criadora do gênio que as produz”.

Vivemos em um mundo rodeado de imagens, muitas destas são obras de artistas plásticos, ou seja, objetos artísticos. O artista plástico e escritor pernambucano Francisco Brennand disse, certa vez, em uma entrevista, que “a arte representa valores do espírito”. Em nosso entendimento esse importante artista brasileiro quis dizer, entre outras coisas, que o conhecimento sobre arte amplia a nossa visão do mundo, além de melhorar a nossa capacidade de reflexão e expressão. Acreditamos que a escola deve aproximar dos seus alunos as artes plásticas, mostrando-lhes a variedade de pinturas e artistas, e os ajudando a fazer uma reflexão sobre os mesmos, ampliando assim o leque de imagens a serem apreciadas.

Mas, afinal o que seria Arte?

Evidentemente é quase impossível encontrar uma definição exata para o que seja a Arte, achamos até



A Moça de Ponta Negra
50 x 40 cm - 2021



Cores de Atalaia ,
50 x 80
cm 2021

que seria muito mais fácil definir algo que não seja arte como o que temos visto aos montes por ai, sobretudo em tempos de redes sociais. Sabemos que a arte, por exemplo, não pode ser confundida com a moral, com a religião, com a ciência, nem pode também ser reduzida simplesmente a uma ideologia. Arte também não tem nenhuma obrigação de refletir o real ou a verdade. Acreditamos que tentar definir o que é arte é também empobrecê-la, limitar algo tão belo. Assim, entendemos que a missão do artista é simplesmente criar, seja o belo, o feio, e sobretudo não querer fazer propaganda do que quer que seja.

Enfocamos o assunto após presenciarmos as pinturas abstratas de Alfredo Neves, poeta e artista plástico e cientista social, graduado pela UFRN. Alfredo ocupa a Cadeira 2 da AMLA - Academia Macauense de Letras e Artes. Em parceria com o poeta e artista plástico João Andrade, participou de Exposição Coletiva na Pinacoteca do Estado do RN. Participou ainda da Feira de Arte Potiguar - FEIRART, exposição e palestra sobre Arte Contemporânea no Setor Jurídico da Caixa Econômica Federal do RN e teve duas de suas telas selecionadas para o



Marina Visto de Cima , 50 x 80 cm - 2021

III Salão Dorian Gray de Arte Potiguar. Além desses, seus trabalhos já estiveram presentes na antiga Livraria Nobel, exposição Cores de Orvalho, em 2016. Alfredo, embora esteja, digamos assim, no início da sua carreira como artista plástico, já milita há mais de trinta anos pela cultura-literatura, sobretudo na cidade de Macau.

Em 2013, nos concedeu entrevista para o livro “Impressões Digitais – Escritores Potiguaros Contemporâneos, Vol. 1”, onde anunciou de que iria se dedicar às artes plásticas, e no futuro a publicação de um romance, que trata de uma Macau imaginária.

Os quadros de Alfredo Neves, em boa parte, nos remetem diretamente ao pintor norte-americano Jackson Pollock, referência no movimento do expressionismo abstrato. Não retratam objetos físicos específicos. Eles são mais difíceis de analisar que os quadros figurativos, por exemplo. A interpretação fica por conta do leitor do quadro, ou seja, meramente subjetiva. Alfredo Neves pinta, desta maneira como uma forma de evocar emoções do inconsciente. Diferente das pessoas comuns é a posição do artista: ao criar suas obras e por mais es-



A Escuridão Nossa de Cada Dia , 40 x 60 cm - 2021



A Alegria do Sol - Abstrato 50 x 80 cm - 2021

tranhas que possam parecer, estará normalmente debatendo questões intrínsecas de metalinguagem. Por isso o sentido da pintura, que Alfredo Neves tem em mente, é de outra ordem, um sentido ótico, relativo à própria natureza desse objeto, independente, senão da consciência inserida num contexto humano mais abrangente, pelo menos das formas reconhecidas da nossa realidade.

No Rio Grande do Norte temos alguns exemplos de artistas plásticos que também são poetas: Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Leopoldo Nelson, J. Medeiros, Carlos Humberto Dantas, Anchieta Rolim, João Andrade, Iaperi Araújo, Vicente Vitoriano, inclusive esses dois últimos também são críticos de arte. Merecem destaque igualmente como artistas visuais, os poetas Falves Silva, que compõe a sua obra a partir de um processo de colagem, e Avelino de Araújo, que trabalha também o jogo de palavras e imagens e aqueles que seguem na mesma linha do impressionismo abstrato como Carlos Soares.

Encontramos nos quadros desses artistas características interessantes como na própria composição, ou seja, na organização das imagens, seguindo, algumas vezes, esquemas geométricos, em outras, não; o movi-



Abstrato 89 - 20 x 30 cm - 2019

mento interno característico da composição dinâmica (às vezes estática); o desenho, nesse caso, as linhas marcantes. Nos quadros se concentram cores frias e quentes, por vezes fundamentais, outras, complementares. A própria natureza da cor também é peça-chave. A luz uniforme e o seu efeito junto com a dinâmicas das formas visuais; a técnica da pintura pontilhada, linear, modelada e por fim o material de trabalho que varia entre óleo, acrílico, colagem, misto, guache, aquarela, pastel de óleo ou seco.

Evidentemente, sempre vamos ouvir das pessoas que não entendem de arte abstrata que esta não é compreensível, explicável. Mas precisamos ter a consciência do seu sentido, que é de fundamental importância para desfazer equívocos de análise e de opinião. Na cultura ocidental, por exemplo, na pré-história vamos encontrar vários registros de prevalência das formas abstratas, muito mais comuns do que na arte oriental.

Concluimos nossa reflexão lembrando que, depois dos impressionistas, as artes plásticas puderam se voltar para dentro de si e subsistir sem o auxílio de qualquer referência explicativa, e que assim continuaram a ser usufruídas por todos.



Vicente Vitoriano

Professor, artista visual, cantor, crítico de arte e curador de artes



GUAP – 20 ANOS



2014 abertura de coletiva no nac de João Pessoa

Ao escrever sobre o Grupo Universitário de Aquarela e Pastel - GUAP, tenho o receio de criar algo com sabor de relatório acadêmico. É verdade que muita afetividade me toca e isto pode garantir uma prosa que seja, pelo menos, capaz de atingir as pessoas e ampliar o conhecimento a respeito deste Grupo que, como se costuma dizer, tenho como um filho. Neste sentido, serão anotadas informações importantes para mim, bem além do seu significado institucional.

Embora juntar pessoas para produzir arte já fosse uma prática que eu havia introduzido nas minhas ações como professor universitário, eu criei o GUAP, como um projeto de extensão do Departamento de Artes – DEART da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 2001. Mas é lógico que eu não estava só e saliento a participação e o incentivo de Maria do Socorro de Oliveira Evangelista, na verdade a idealizadora de um grupo de aquarelistas em Natal ou no nosso estado. Socorro vivia me incitando neste sentido e hoje só tenho a agradecer a sua insistência e comemorar vinte anos de criação do Grupo.

A origem do GUAP está na oferta de cursos de



lâmparina - aquarela de Wandemberg Medeiros p. expo POPULÁRIO



2016 abertura expo 15 anos do GUAP

extensão de técnicas de aquarela, de pastel e de desenho de observação, o que eu havia de certa forma sistematizado desde meados dos anos 90 do século passado. A cada curso, os participantes dos cursos anteriores voltavam e iam ficando. Mesmo quando não havia cursos, estes artistas me pediam para manter reuniões semanais para a produção. Tal presença de artistas configurou o que poderia ser um coletivo de atividade contínua, até que formalizei o GUAP como um grupo de extensão. A intenção era organizar o grupo para que ele tivesse longevidade e o projeto acadêmico não fosse mais um daqueles com duração de apenas um ano. A história da arte dava exemplos de que grupos de artistas têm a duração de um movimento que, ao atingir alguns objetivos, dissolvem-se e são substituídos por outros. Isto não se deu com O GUAP que, em 2021, faz aniversário de 20 anos. Inicialmente, chamou-se Grupo UFRN de Aquarela e Pastel. A definição do nome Grupo Universitário de Aquarela e Pastel, mesmo que práticas em fotografia, grafite, marcadores, entre outros meios, tenham sido comuns

em nossas atividades, foi uma sugestão da professora Sônia Maria de Oliveira Othon.

Ao fim do primeiro ano de institucionalização do Grupo (2012), em muito sucinto relatório, ressentíamos o fato de não termos ofertado cursos de extensão, um dos nossos principais objetivos, ao lado de reunir artistas produtivos em atelier e levar o Grupo e o DEART à comunidade externa. Porém, nos anos que se seguiram, foram muitos os cursos ofertados para os quais contamos com a docência de membros do próprio Grupo, como Ana Rique, Catarina Neverovsky e Socorro Evangelista, por exemplo, e convidados externos como Flávio Freitas e Luiz Elson Dantas, de Natal, e Ivani Ranieri, Fábio Cembranelli e Ricardo Inke, de outros estados, entre outros artistas. Em certo sentido, os cursos, abertos à comunidade externa, também são extensões das reuniões semanais que procuramos manter sempre. Ou seja, oportunizam a troca de experiências, a manutenção de uma produção contínua, além, é claro, de colocar os participantes em contato com nomes expressivos do universo artístico, sejam lo-



2014 abertura de individual da guapeana raquel lima



2014 oficina a plain air com ivani ranieri pr. cotovelo

cais ou nacionais.

Como um grupo de extensão, o GUAP tem as exposições coletivas e individuais dos seus membros como estratégia de atingir a comunidade externa. Deste modo, além de espaços da própria Universidade, como a Galeria Conviv'art, a Biblioteca Zila Mamede e eventos como a CIENTEC, o Grupo vem expondo em diversas instâncias expositivas, de galerias comerciais e públicas a restaurantes e aos chamados espaços alternativos. Já em 2004, na Feira de Ciências e Tecnologia da UFRN - CIENTEC, começamos a sistematizar a realização de exposições coletivas anuais, muitas delas baseadas em temas que procuraram, nos primeiros anos, a enfatizar elementos da cultura popular e reflexões sobre memórias pessoais e culturais. Vale pontuar que, em 2004, realizou-se a exposição "Populário", numa parceria com o professor Pedro Roberto Pinheiro, professor do Departamento de Artes da UFRN - DEART e importante incentivador do Grupo.

Com a exposição "Populário", foi dado início à interiorização das ações do Grupo, quando efetiva-

mos itinerância com mostras e cursos em cidades como Cerro Corá, Currais Novos, Acari, Parelhas, Caicó, Florânia. Posteriormente, ainda foram levadas exposições e cursos para Mossoró, São José do Mipibu, Martins e Parnamirim, entre outras. Evidencie-se, neste movimento, a parceria com o Núcleo de Arte e Cultura – NAC e a Galeria Conviv'art, nas pessoas de sua então diretora Sônia Othon, aqui já citada, e coordenadora Elidete Alencar, respectivamente. A ligação com o NAC também propiciou exposições fora do Rio Grande do Norte, em João Pessoa e Recife. Destaquem-se também nossas intervenções na comunidade de Barreiras, Macau, fruto da associação com Vécio Lisboa com quem voltamos a trabalhar no seu projeto "Reciprocidade", com a exposição "Artisticidade", realizada no Museu Câmara Cascudo, em 2009.

Uma significativa forma de exposição de trabalhos dos membros do Grupo foi possibilitada com nossa participação nas agendas anuais da Sindicato dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – ADURN. Esta parceria começou em 2010 e se esten-



guapeanos em curso com Luiz Elson Dantas



2007 guapeanas em Macau com véscio lisboa



Alguns guapeanos na expo IDENTIDADE memorial câmara cascudo

deu até 2016. Neste projeto, além de imagens de obras, também fazíamos curadoria de poemas de autores norte-rio-grandenses.

Em 2012, o Grupo passou a ser Grupo Permanente de Arte e Cultura, único nesta categoria na área de artes visuais até hoje, à parte a trajetória do Projeto 10 Dimensões, também do DEART. Como Grupo Permanente, o GUAP, necessariamente teve que ampliar o quadro de membros vindos da comunidade discente, o que ampliou a produtividade artística e, mediante as bolsas de extensão, a realização de cursos e ações de pesquisa em arte. Os bolsistas realizaram algumas exposições coletivas anuais e, nestes dois anos de pandemia, salientaram sua eficiência como produtores das duas versões, ambas virtuais, do



Cartaz virtual para última expo presencial antes da pandemia

Encontro Internacional de Aquarelistas de Natal – EIAN (2020 e 2021).

Tendo sido coordenador do GUAP desde sua criação, no ano de 2015 eu passei o cargo para a professora e artista Francoise Valéry que foi substituída, em 1918, pela também professora artista Verônica Lima, ambas do Departamento de Arquitetura – DARQ. A administração feminina deu uma nova dinâmica às atividades do Grupo, culminando com a realização das duas edições do EIAN.

As exposições e algumas sessões de oficinas e demonstrações que fizeram parte das duas edições do EIAN podem ser vistas no site do GUAP – guap.com.br e em suas páginas nas redes do Youtube e Instagram ([guap-_ufrn](https://www.instagram.com/guap-_ufrn)).

O ser sensível

Na vida e obra de Dorian Gray Caldas



Adriano Caldas

Artista gráfico e escritor,
mestre em ciências sociais
pela UFRN

“

Poema para Rilke

Ah! Esta essência do nada.
Esta vastíssima essência do nada;
que me toma, como de um vaso
o perfume, ou da alma ameaçada
do corpo tão inútil o peso dos anos.
Duramente o peso dos anos

”

Terra dos homens

Antoine Exupéry no início do seu livro *Terra dos Homens* narra sobre seu primeiro voo noturno sobre a Argentina em que reflete e pondera sobre a realidade do ser humano. Da escura noite pontilhavam algumas luzes ao longe, como se fossem faiscantes estrelas. O autor então passou a se questionar o que estariam fazendo aquelas casas iluminadas vistas do alto? Estariam talvez contemplando estrelas, fazendo poesias, criando universos em alguma forma de ficção ou quem sabe seria a hora dos amantes? Contudo daquelas estrelas pulsantes tantas outras em silêncio, tantas consciências adormecidas, perdidas na planura noturna.

O ser sensível ao seu ver, possui o dever de despertar essas consciências, fazer com que se comuniquem e percebam como a vida pode ser rara e bela se vista através de outros olhos. Igualmente a Exupéry, Dorian Gray Caldas entendeu desde cedo essa lição, seu instrumento de trabalho entretanto não era o avião (apesar da grande referência do seu pai, piloto amador) mas sim as artes. Sua imensa sensibilidade aliada a necessidade de mostrar o homem nordestino em toda a sua amplitude o levou não apenas a sua representação plástica, mas também aos aspectos sutis da sua psique através dos medos, sonhos e desejos da alma em cores, traços e versos.



Pavão misterioso

O pavão abre
as folhas do leque.
O momento real.
O magnífico orgulho.
Pisa leve como um rei.
Governa a alegria efêmera:
a pose da beleza docemente
amordaçada aos pés



O voo do pássaro mítico

De início a produção poética de Dorian Gray Caldas ficou mais conhecida através dos álbuns de gravura cujos temas variavam desde a religiosidade do povo (Beatos e Fanáticos), personagens históricos (Padre Miguelinho), ecologia (Árvore, Fruto, Folha e Flor) até personagens marcantes do cotidiano natalense como feirantes, cantadores e pescadores do canto do manguê. O poeta em seguida passa ao estudo sistemático da mitologia e do folclore, influenciado pela obra de Câmara Cascudo e Gilberto Freyre e posteriormente por Joseph Campbell e Mircea Eliade.

O medo com seus elementos mais aterrorizantes, as figuras fantásticas e tudo o que as representam no inconsciente humano são revelados no folclore através dos mitos. Dorian dedicou significativa parte da sua obra na pesquisa e reprodução destas figuras que nos assombram e persistem no imaginário por tantas gerações. Seus livros sobre folclore como Encantados e Geografia do Medo nos mostram essa inquietude. Pavão misterioso, Curupira, Mãe d'água, Jaci, todos esses temas são elementos que se repetem regionalmente, transmutando seus nomes e formas, mas que permanecem na sua essência, demonstrando na sua totalidade a unidade do espírito humano. "O voo do pássaro selvagem se expande e se renova a cada instante, seu brilho arde e cega, eterno como o universo".

As dobras do tempo

Paralelamente aos álbuns de gravura e livros sobre folclore Dorian desenvolveu uma poesia própria de profunda reflexão filosófica e espiritual, relacionando o tempo e espaços poéticos. Livros como *Cantar de Amigos* e *os Dias Lentos* representam o auge dessa sua poesia. O primeiro deles, *Cantar de Amigos*, traz poemas que remetem à uma nostalgia serena e amorosa da sua época de juventude até os dias atuais. São amigos, paisagens e vivências que deixaram uma profunda marca em seu espírito. Espírito que se expande poeticamente e tenta alcançar à Deus, tocar o sublime e dele receber algum conforto, por efêmero que seja. Afinal somos corpos frágeis, mesmo com a consciência de que a alma do poeta é imortal.

É justamente essa angústia rilkeana de alcançar o sublime, se jogando no abismo poderoso da criação, tal salto de fé, o que caracteriza o seu livro, *Os Dias Lentos*, resultante da sua fase poética mais madura. Poemas sobre a brevidade da vida e a proximidade do fim combinando com uma religiosidade renovada (senhor dá-me mais um verão) mostra um poeta que vivenciou suas dores e perdas (amigos e familiares) mas manteve a crença

na força da sua poesia. O poeta retorna transformado, ungido pelo sagrado ofício de sua poesia que o liberta do medo e o salva de todos os augúrios. Por fim devo te dizer: “Nada tema poeta, somos os escolhidos, temos esta vocação para o mistério. Mergulhamos o abismo e dele retornamos mais fortes e estranhos. Saiba que todos os teus desejos e esperanças tem a medida certa do teu nome, dele me visto e recebo a tua benção e proteção”.

Da verdade

Senhor, dá-me mais um verão
e eu continuarei a parte
que me cabe neste ofício.
Sei que um verão é pouco,
mas se assim peço
é para que possa erguer-me
das minhas fragilidades



Elegia

Diga-me poeta, quem somos nós na
hierarquia dos teus anjos?
Quem te livrou dos pesadelos noturnos,
destas ilhas negras de medos silenciosos?
Quais as mãos que afagaram tua face
iluminada e exausta, suor da criação.
São tantos os caminhos e
os sonhos



Pinacoteca reaberta e Cores do Interior

Investindo em traços, cores e talentos



Crispiniano Neto

Diretor geral da Fundação
José Augusto

Há uma clara retomada da infraestrutura e da ação cultural no Rio Grande do Norte, depois de anos de fechamentos e interdições, além do impacto doloroso da pandemia onde nunca se viu tanta estagnação forçada, mas que redundou na comprovação da importância das artes no papel ocupacional e, também terapêutico, para a vida em recolhimento físico e espiritual.

Vivenciamos tempos em que se fez valer com força vulcânica a máxima de que "A arte existe porque a vida não basta", verso citado como sendo do grande Ferreira Gullar, mas que é de Aricy Curvello, em poema publicado no seu livro Zeugma.

Assim como durante a ditadura que, quando se abriram as gavetas depois do flagelo da censura de décadas brotaram obras maravilhosas, também aconteceu com a pandemia. E o fato é que não só se produziu quanto muito se consumiu arte, no recolhimento das quarentenas produtivas.

Quem não sobreviveu ao isolamento social com fundo musical, vendo filmes, devorando livros,



vendo novelas, sentindo traços e cores? Temos também os muitos que sobreviveram produzindo arte.

A Lei Aldir Blanc, com seus dez editais da Fundação José Augusto, no Rio Grande do Norte, além de dezenas de oportunidades geradas através dos municípios deixou um legado que nem mesmo nós que estivemos à frente teremos capacidade de avaliar a verdadeira dimensão antes que se consuma um bom tempo de maturação.

Meses antes da tragédia da virose contra a vida e da vileza contra a cultura, com especialidade pelo viés anticientífico, tivemos um edital de Fomento em 2019 que, entre outras seis linguagens artísticas, contemplou as Artes Visuais com 10 prêmios que per-

fazem 75 mil reais. O Edital “Tô em Casa; Tô na Rede” também destinou uma boa mão de prêmios para o segmento e no Edital da Lei Aldir Blanc voltado para esta linguagem, tivemos 216 premiações com o valor total de 1.909.500,00 beirando os dois milhões.

Agora estamos com o Edital Glorinha Oliveira que destina 400 prêmios de 4.500 reais. Com certeza entre os quase dois mil concorrentes muitos dos ganhadores serão das Artes Visuais.

Este governo acaba de investir mais 6,7 milhões de reais na restauração da Pinacoteca do Estado, já com uma licitação da ordem de 640 mil reais em andamento, para garantir os projetos complementares à revitalização da Pinacoteca, quais sejam: Calçada, escada e jardins, além de um projeto de Reserva Técnica que também não foi contemplado no projeto original cuja elaboração nos antecedeu e que trouxe debilidades, a exemplo dos projetos de restauro de outros equipamentos, como a falta da Caixa Cênica do



Teatro Alberto Maranhão, a falta de Acessibilidade, Subestação de Energia e Prevenção de Incêndios na Biblioteca Câmara Cascudo e a ausência da passarela e reestruturação do estacionamento do Forte dos Reis Magos.

Entendemos que são legítimas as críticas, mesmo sendo algumas injustas às vezes até por demais ácidas em relação às dificuldades. Mas na responsabilidade da gestão, a governadora e a direção da Fundação José Augusto não podemos ficar a lamber cicatrizes nem alimentando feridas abertas. Pelo contrário precisamos da sabedoria de William L. Watkinson, quando disse que “É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão”, numa frase atribuída ao sábio Confúcio, também erroneamente.

É neste diapasão que estamos afinando a retomada da política cultural: Papódromo, EDTAM, Pinacoteca, Biblioteca Câmara Cascudo, Teatro Alberto Maranhão e Forte dos Reis Magos, depois de dar regularidade à Orquestra Sinfônica, aos corais da instituição, ao

Instituto de Música Waldemar da Almeida e às Casas de Cultura no interior, que são 27 e foram encontradas em estado lastimável, ainda estando muito longe do que queremos, mas que já funcionam e aguardam os arremates para a conquista de um prêmio de 15 milhões de reais que estamos ganhando num edital do BNDES para prédios tombados, o que é o caso de 15 delas, que além de tombadas temos a titularidade documentada.

Outros equipamentos da Fundação José Augusto vão, aos poucos, retornando à vida e assim vão se tornando palco de excelentes atividades que já orgulham aos norte-rio-grandenses, animados a exercer na plenitude a sua cidadania cultural.

O Salão Dorian Gray e Cores do Interior que abriu na última quinta-feira, 09, no Museu de Café Filho, é um exemplo de frutos da Lei Aldir Blanc, que se superaram e romperam os limites dos prêmios de pequenos porte para chegarem ao público em grande estilo, como vem aconte-



cendo também em outras áreas, com o Sideral, documentário premiado pela Lei Aldir Blanc que chegou a Cannes, os festivais de cinema de São Miguel do Gostoso e de Baía Formosa, o Auto de Nossa Senhora da Conceição em Lajes e todo um reboiço que começa a eclodir pelos quatro cantos do mapa do elefante. As Cores do Interior nos trazem também a certeza de que a nossa decisão de parar de falar em interiorização da cultura” estava certa. A cultura sempre esteve no interior, tanto quanto está na capital. Nossos 20 editais dividindo milhares de prêmios nos dez territórios da Cidadania confirmam o reconhecimento de que talento e produção estão por todos os recantos do nosso Estado e só

precisam de reconhecimento, como o faz o Salão Dorian Gray e Cores do Interior.

No cômputo geral, comemoramos um clima que nos anima a acreditar que estamos em pleno La Niña artístico-cultural que promete, para depois de chuvas e trovadas uma colheita de comida, diversão e arte!

Estética e teorias da arte



Cláudio Damasceno

Mestrando em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Especialista em educação pela Universidade Potiguar (UnP). Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE).

Etimologicamente, a palavra Estética refere-se à sensação, à faculdade humana de perceber as formas, sejam elas orgânicas ou subjetivas, através dos sentidos. Este é o significado original do termo grego, *aisthêsis*. De modo que Estética é exatamente a afetação dos sentidos que ocorre quando o sujeito vê, reconhece e se surpreende diante da forma. Ou seja, a estética é uma qualidade sensitiva do ser humano decorrente do contato dele com a forma. Nesse sentido, estética refere-se a sensação e a percepção.

Comumente a Estética é confundida com a forma. Possivelmente esse mal-entendido provém da leitura equivocada do pensamento aristotélico que vincula diretamente estética a forma artística. Para Aristóteles, a arte é o

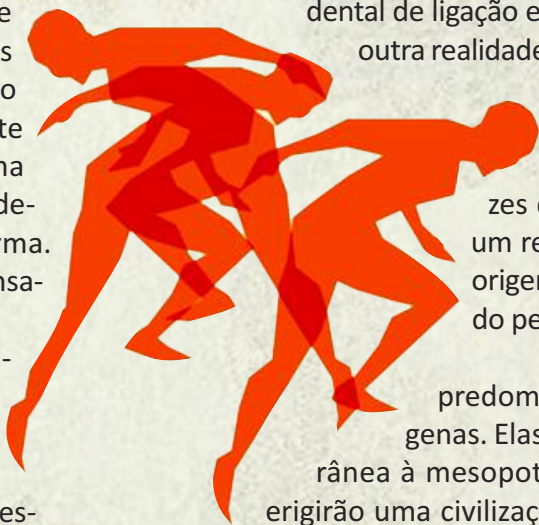
campo da criação das formas e o belo é a qualidade da forma que tem a incumbência de surtir efeito estético. Anterior a Aristóteles, Platão já afirmava que a arte é um meio de interação do homem ao divino através de sua participação no mundo das ideias.

Nesse sentido, referindo-me exclusivamente à cultura ocidental, desde a antiguidade grega, a arte é um campo de atividades que compreende conhecimentos e técnicas direcionados à realização estética, quer tenha o objeto artístico atribuição metafísica ou a função exclusiva de criar formas.

Estas concepções emergem das origens Afro-asiáticas do Ocidente. Os mesopotâmicos e os egípcios vinculavam a arte às concepções metafísicas da existência humana. Para eles, a arte tinha a função transcendental de ligação e de intercâmbio entre esta e uma

outra realidade essencial. O conceito de imanência de Platão também vincula a arte à função transcendental. A presença de escultores aprendizes de Samos nas oficinas egípcias é um registro histórico que comprova as origens africanas do naturalismo grego do período arcaico.

Contudo, as características predominantes na arte grega são endógenas. Elas se originam na Creta contemporânea à mesopotâmicos e egípcios. Os minoicos erigirão uma civilização sob conceitos hodiernos, impulsionados pelo comércio e desvinculados de estru-



turas hieráticas. Estes grupos formados por mercados, atuavam do Egeu ao Mediterrâneo incumbidos de suprir as demandas dos sultanatos, ávidos por produtos manufaturados.

Na História Social da Literatura e da Arte, Arnold Hauser (2010) cita a Grécia como o lugar na antiguidade onde a arte era despojada da função religiosa. As representações místicas na cultura grega priorizavam a instrução e a finalidade estética. Nesse sentido, a arte grega estava vocacionada desde o início à autonomia, pois tinha um fim em si mesma.

Teorias da arte

Arte é representação

Esta afirmação é o ponto fulcral das concepções essencialistas da arte que apresentam três teorias básicas: a arte como imitação, a arte como expressão e a arte como forma. As teorias essencialistas compreendem a arte como algo que está para alguma coisa. Um espécime artístico necessariamente representa algo. A crítica às teorias essencialistas diz que ela não abarca todos os feitos artísticos, pois existem obras idealizadas com o intuito de não representarem nada. Não obstante, segundo a semiótica peirceana, tudo ou qualquer coisa – mesmo sem que haja intenção – representa algo, pois tudo é signo. Por outro lado, as teorias essencialistas propiciam a concepção moderna da arte como linguagem já que as linguagens são sistemas de representações.

A arte é imitação

Essa definição está presente na história da arte ocidental desde a antiguidade grega até os dias atuais. Ela afirma que a arte é a capacidade humana de imitar, de copiar, de fazer igual, de mimetizar. Platão afirmava que a arte é uma imitação das formas originais, imanes. Assim, se a physis é a materialização da forma essencial a arte é então a cópia da cópia. Aristóteles afirmava que a arte é a imitação da realidade, da physis. Para ele o artista imita a realidade aperfeiçoando-a esteticamente. O naturalismo clássico, a arte romana, a arte renascentista, o realismo de Coubert, e o hiper-realismo de Ron Mueck são exemplos da arte como imitação.

A arte é Expressão

Essa concepção de arte refere-se à capacidade estética do objeto artístico causar emoções. O modo, a forma, os recursos técnicos e de composição utilizados na obra devem provocar sentimentos e sensações. A obra de arte tem a função de emocionar. A obra de arte expressionista é aquela que provoca a emoção estética. A arte barroca, o Maneirismo, os Expressionistas do séc. XX, os modernistas de ontem e de hoje são exemplos dessa teoria.

A arte é a forma

Segundo esta concepção o que define a arte são os procedimentos técnicos e compositivos que



dão materialidade à obra. A característica fundamental da obra de arte é a sua forma. Nesse sentido entre as teorias essencialistas essa é a concepção de arte mais moderna pois ela se exime dos conteúdos e dos aspectos temáticos da obra, tomando o p r ó p r i o fazer artístico como objeto final. Enfim, o que define a obra de arte é a forma. A arte construtiva é o exemplo mais atual das obras de arte baseadas nessa teoria.

A arte é uma definição conceitual

Esta é a ideia que sustenta a teoria institucional da arte. Além das três teorias essencialistas citadas anteriormente, é interessante pautar a teoria institucional da arte com o intuito de abarcar as tipologias artísticas não contempladas por estas teorias, tais como os objetos de arte, as instalações, a fotografia, a pop art, a arte cinética, a op art, a arte digital, o grafite etc.

Na concepção da arte institucional, aquilo que o artista e a classe artística definirem como arte, bem como o que críticos e cronistas o referendarem, é admitido oficialmente como

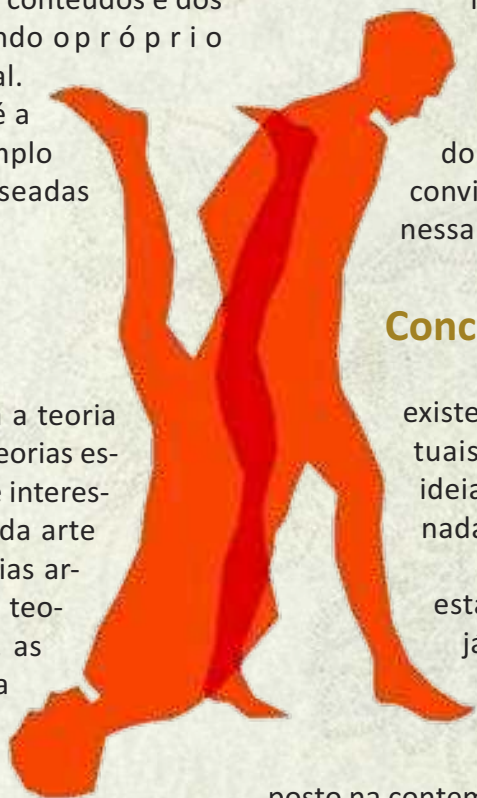
arte. Assim, nessas circunstâncias corporativa, algo é alçado à categoria de “obra de arte” através da instituição denominado classe artística. O Institucionalismo foi definido por Arthur Danto

(2006) em seu livro *O mundo da Arte*, lançado em 1961. Todavia, desde o início do século XX, a partir do movimento “Dada”, a modernidade convive com espécimes artísticos inscritos nessa teoria.

Conclusão

Associados à estas quatro teorias existem diversos desdobramentos conceituais que especificam e aprofundam ideias sobre as práticas artísticas relacionadas acima.

O debate sobre a arte é atual e está diretamente relacionado a cultura já que a arte é uma atividade humana que produz cultura no campo das linguagens. Assim, o debate sobre a estética e as teorias da arte está posto na contemporaneidade à renovação e à expansão cultural, fundamentado na autonomia das linguagens artísticas e na diversidade dos meios de reprodução da imagem.



Referências:

- BENJAMIN, W. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, Frankfurt, 1936.
CAUQUELIN, A. *Teorias da Arte*. São Paulo: Martins, 2005.
CHIARELLI, T. *Arte internacional brasileira*. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.
DANTO, A.C. *Após o fim da Arte*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
HAUSER, A. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
PIERCE, C.S. *Peirce on Signs: Writings on Semiotic by Charles Sanders Peirce*. University of North Carolina Press, 1991.
SCHILLER, F. *A educação estética do homem numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

III BINAïf de Socorro-SP



Alfredo Neves

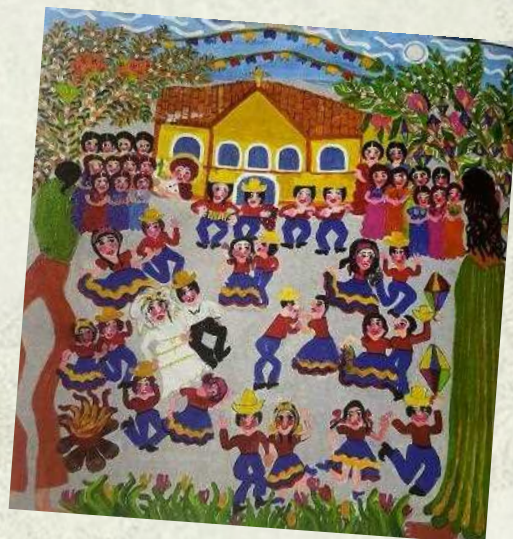
artista plástico, editor da Revista Paleta, poeta e vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.

No dia 25 de setembro ao dia 13 de novembro de 2021, na cidade de Socorro-SP, aconteceu a 3ª edição da Bienal Internacional de Arte Naïf, também chamada de BINAïf. Nesta edição o lema foi: Totem Cor-Ação, tendo como parceiros a Secretaria de Cultura de Socorro-SP e do Museu Municipal Dr. João Batista Gomes Ferraz. Este evento, considerado um dos mais importantes da Arte Naïf no mundo, tem à frente duas idealizadoras, Marinilda Boulay e Rosângela Politano, ambas artistas plásticas e fazem parte do Instituto Totem Cultural, além de Antônio Nascimento, este sendo pesquisador e um dos maiores colecionadores de Arte Naïf no Brasil.

A respeito da Arte Naïf gostaria de fazer a seguinte introdução para logo adiante retomar sobre a BINAïf e os seus participantes. A Arte tem se manifestado ao longo da sua história como dinâmica, vanguardista, desafiadora e causadora de admiração e críticas, visão que em determinado momento tem sido injusta e até preconceituosa; este preconceito é uma forma iníqua em acei-



Índio da Cruz (1958) - São Paulo, SP - O Catireiro (2021) - Escultura em Madeira 1,90cm x 60cm



Albina Oliveira (1947) - Menção Especial - Cuiabá, MT - Festa de São João (2021), AST, 60 x 60cm

tar novos movimentos e estilos, onde o tempo é o criador e suplantador de coisas novas. Observa-se, na verdade, com o surgimento de movimentos de vanguarda, uma resistência em “deixar de lado” o que se normatizou para superar o que já está dado, para isto a necessidade de resistência por parte dos movimentos novos e dos seus criadores. É por essa razão que a Arte Naïf tem sido assim desde o seu surgimento na Europa, notadamente na França no século XIX, onde vanguardistas viam que esses artistas se dedicavam às artes como passatempo. Isto, talvez, tenha contribuído para a cunhagem do termo “ingênuo”. A obra O Alfandegário, de Henri Rousseau (1844 – 1910), fez com que o termo Naïf fosse utilizado pela primeira vez. No Dicionário da Pintura Moderna, (1981, p.255), Franz Meyer (1919 – 2007), renomado historiador da arte, cita o seguinte: “É por

igual errôneo considerar esses primitivos como “pintores de domingo”, pelo ofício que inventaram instintivamente, são verdadeiros “profissionais” da pintura.” E continua: “Estes pintores, parece, encontram mui naturalmente lugar na história da pintura moderna: assim o alfandegário Rousseau, humilde criador de obra magnífica em que coincidem milagrosamente a imaginação do homem e a realidade do mundo, aparece como um dos grandes mais velhos que se encontram nas origens da arte moderna; toma

l u g a r

não longe de Cézanne, Gauguin e Van Gogh, seus contemporâneos.”

É, no entanto, a Arte Naïf, na sua origem, considerada ingênua, primitivista e subversora das tradições no que se refere aos resultados esperados numa pintura, e, como escrevi recentemente, no meu entendimento, de ingênua não tem é nada, ao contrário daqueles que se apegam a conceitos, particularmente, entendendo se tratar de uma técnica de forte impacto na narrativa do cotidiano das cidades e das culturas, escritas que são nas telas, no artesanato, na es-



Indio da Cruz (1958) - São Paulo, SP - O Catireiro (2021) - Escultura em Madeira 1,90cm x 60cm



Jair Lemos (1955) - Menção Especial - Santa Rita de Caldas, SP - Pandemonium (2020), AST, 60 x 60cm

cultura e na narrativa popular e folclórica da humanidade.

Há a necessidade de detalhar estes conceitos iniciais para que o leitor se identifique com o criador e a criatura, para que todos possam aprender que de um mundo figurativista e angelical do renascimento, ou de um abstrato de Piet Mondrian e Wassily Kandinsky, ou de uma estética impressionista, neoimpressionismo, ou da transição do figurativismo de Picasso ao Cubismo de Braque, até mesmo os pintores expressionistas abstra-

tos a partir dos anos 40 como Jackson Pollock (1912 – 1956) e Mark Rothko (1903 – 1956), a Arte Naïf se mostra do jeito que a vemos, com a ausência de perspectivas, de detalhamento das figuras e dos cenários; em muitas delas, ou em quase todas a marcante ausência de tridimensionalidade



Marcelo Schimaneski (1967) - Prêmio Aquisição - Ponta Grossa, PR - Lago Azul (2020), Óleo sobre tela, 50 x 70cm

é presente ou algo do gênero é visível para caracterizar o estilo e a estética Naïf.

As técnicas dos artistas são únicas e cada um adota o seu próprio estilo. As características mais importantes destes geniais pintores em sua maioria são: o autodidatismo, resultado da inexistência de formação acadêmica no campo artístico, recusa ou até mesmo desconhece o uso de cânones da arte acadêmica, a composição é plana, bidimensional, tende à simetria e a linha é sempre figurativa; não existe perspectiva geométrica linear, o artista não utiliza as regras da perspectiva, detalhamento das figuras e dos cenários, colorido exuberante e pinceladas contidas com muitas cores. Isto é um pouco sobre a Arte Naïf, e que trago excertos de um artigo escrito recentemente para o Potiguar Notícias sobre o tema aqui



Alice Masiero (1963) - Menção Especial - I Miss Her, BA (2021), AST, 40 x 50cm

abordado.

A III BINaif de Socorro-SP é mais um marco para o desvio do nosso olhar daquilo que comumente conhecemos para na singeleza da arte ofertada a todos possamos nos maravilhar com estes artistas e as suas obras maravilhosas. Em nosso estado, alguns são precursores e conhecidos de todos, como Iaperi Araújo (1946 -), Iaponi Araújo (1942 – 1996) e Maria do Santíssimo (1890 – 1974). Dos atuais

podemos citar Olympia Bulhões, Rosa Maria da Costa, Edilson Araújo, Ivanise Florêncio, Nivaldo Rocha do Vale e Francisco Nilson, este último participante selecionado desta Bienal como representante da cidade de Acari, onde nasceu em 1970. Cito apenas alguns, mas temos dezenas de pintores naïfs de qualidade em nosso estado. Outros do RN também foram selecionados, como



Lucilene Rocha (1982) - Jardim do Seridó, RN - Êxodo dos Artistas(2021), AST, 30 x 40cm



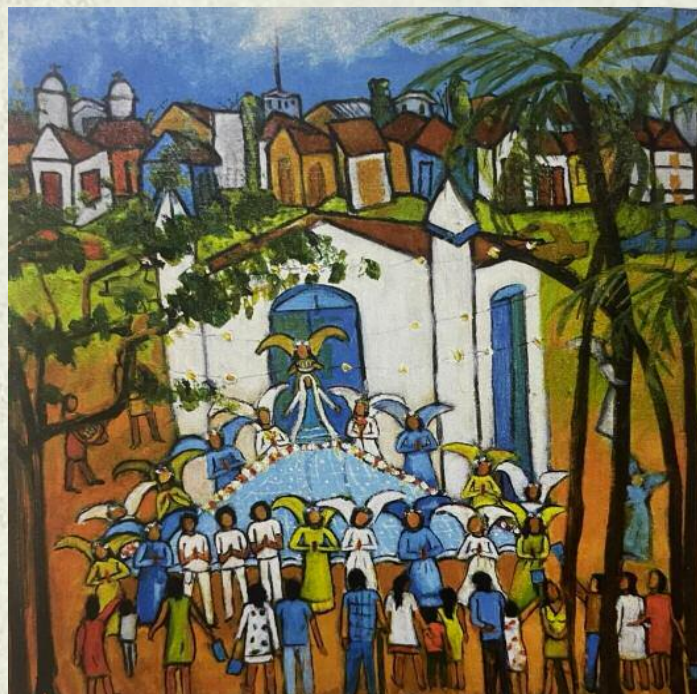
Célia Gondim (1951) - Menção Especial - Recife, PE - Chá das 4 (2020), AST, 30 x 40cm

Lucilene Rocha de Jardim do Seridó. A respeito de tantas artes e estilos estéticos divulgados e admirados, temos um meio importante para a disseminação destes ícones e de outros, que é a Sociedade Amigos da Pinacoteca Potiguar, organização sem fins lucrativos que existe para fortalecer este ideal artístico e fomentar a cultura da arte plástica no Rio Grande do Norte e que tem à frente os nossos incentivadores e abnegados amigos que são eles: Dione Paiva, Geruza Câmara, Isaura Amélia, Manoel Onofre Neto, Iaperi Araújo, Ana Neuma, Antônio Marques e Ramires Martins.

Por fim, a III BINAïf se consolida como uma mostra que atrai em todas as suas edições, curiosos, conhecedores de arte, mecenas, galeristas, colecionadores, artistas



Francisco Nilson (1970) - Currais Novos, RN - Voando para as Artes (2021), AST, 40 x 50cm



Eliana Martins (1943) - Prêmio Aquisição - Belo Horizonte, MG - Vitória (2021), AST, 50 x 50cm

de todas as escolas e os principais praticantes desta arte bela e “ingênua”. Muitos foram selecionados de diversas cidades do norte ao sul do país, bem como de outras internacionalmente conhecidas como Dakar, Montevideo, Winterthur, Geel e Portugal, para citar apenas algumas, tornando esta edição um sucesso absoluto. Nas imagens, que ilustram este artigo, onde escolhi apenas algumas que foram premiadas em diversas categorias, porque o espaço não comportaria todas as outras demais, de grandeza e brilho da BINAïf, onde recomendo aos interessados a aquisição do catálogo da mostra de arte.

Fontes de Pesquisa:

Catálogo da III BINAïf – III Bienal Internacional de Arte Naïf 2021 – TOTEM CO-AÇÃO.
MONTEIRO, Jacy; Dicionário da Pintura Moderna, 1981, p. 255
GOMBRICH, Ernest Hans; A História da Arte, 2006

Em torno do Beco...



¹ *Manoel Onofre Neto*

Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN



² *Edrisi Fernandes*

Médico e Filósofo pela UFRN

O Beco da Lama – oficialmente, Rua Vaz Gondim – patrimônio Cultural de Natal, fincado em uma viela escondida no Centro Histórico, “transborda” nas vias adjacentes no Bairro da Cidade Alta como um reduto da boemia potiguar, onde gravitam artistas visuais, intelectuais, músicos, poetas, estudantes e todos que apreciam uma cena artística, literária e musical marcada pela informalidade e pujança dos “bequianos”, sem esquecer a festejada gastronomia servida nos bares e botecos da região. Merece registro, com especial carinho, a “meladinha”, icônico drinque composto por cachaça, mel e limão, introduzido pelo “turco” Nazi Canan (falecido em 2001). Outro “turco”, Amir Massud, exaltou o Beco em célebres versos difundidos em récitas e “poemas-pôsteres”. Identificado como um

“
**Se não gosta
do Beco, seu
coco é seco**”

Blecaute

“
**Este beco
não é somente
um beco é um
mundo, talvez**”

Amir Massud

Foto: Marcelo Barroso



Allan – sem título

Foto: Marcelo Barroso



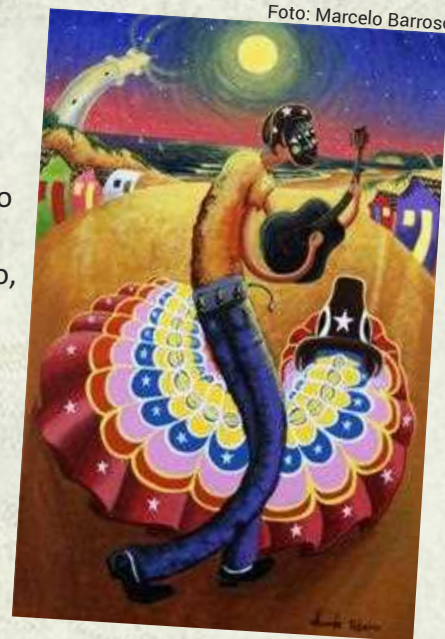
Ângelo Jotó – Sem título

território alternativo de imensa profusão criativa, que inclui festivais gastronômicos e literários, o Beco da Lama passou por recente revitalização, com variadas intervenções artísticas – com destaque aos grafites que homenageiam Câmara Cascudo e figuras da cultura popular –, e tem forjado expoentes das artes visuais do Rio Grande do Norte, cujas obras vez por outra são expostas ou negociadas nos espaços culturais da área, como o *Sebo Balalaika*, o *Bardallo's* ou a recente *Galeria Pedro Faustino*, no Bar do Pedrinho.

Em tese de doutorado intitulada *Beco da*

Lama: formas e cores de uma plástica da vida, José Marcílio de Sousa Façanha repisa a aura despojada, simbólica e profícua do Beco, afirmando que: “o Beco da Lama é, dentre outras coisas, um espaço que nos aproxima do lado menos afamado do artista, aquele sem alguma armadura ‘sagrada’. Lugar para aproximarmos-nos de materiais artísticos no imediato das ruas, dos Sebos e Bares. Vi no Beco da Lama o ambiente para conversarmos com artistas em pleno ato de produção poética, aproximarmos-nos do processo de confecção de telas, esculturas, poesias etc., passando, talvez, para uma posição e situação diferenciada em relação à obra de arte, condição oferecida aos visitantes de museus, ou seja, a

Foto: Marcelo Barroso



Alexandre Ribeiro – O Birico Mole

¹ Frequenta cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, Arte Contemporânea e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ, na UFRN e em outras instituições. Realiza estudos sobre História da Arte, Colecionismo, Museologia e Mercado de Arte. Incentiva e divulga artistas plásticos norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

² Crítico, Curador, Colecionador e amante das artes. Incentivador dos artistas. Médico e Filósofo pela UFRN, com mestrado em Advanced Medical and Pharmaceutical Research pela Vrije Universiteit Brussel (1994) e em Filosofia Metafísica pela UFRN. Doutor em Filosofia Metafísica pelo PIDFIL UFRN/UFPB/UFPE. Exerce a medicina e atua como pesquisador e docente colaborador do Departamento de Filosofia/Cátedra UNESCO-Archai da UnB e do Departamento de Filosofia da UFRN. Tem diversos escritos publicados em medicina, filosofia e arte.

condição simples de expectadores”.

De interações festivas de artistas e amigos do Beco, surgiu a ideia de reunir 16 artistas visuais potiguares que transitam e atuam *Em torno do Beco* e que utilizam o atelier de Jotó (nascido Ângelo Desmoulins Tavares), um dos mais renomados e reconhecidos artistas na cena do Beco, como lugar de apoio e inspiração, e, principalmente, possibilitando ampla visão do universo pictórico em suas inúmeras variáveis e linguagens plásticas de expressão, buscando registrar

Foto: Marcelo Barroso



Arthuri – Coelho Criador

Foto: Marcelo Barroso



Assis Marinho - Cristo

Foto: Marcelo Barroso



Giroto – Sarabanda

Foto: Marcelo Barroso



Renato Monte – sem título

Foto: Marcelo Barroso



Fábio Eduardo - Trompetista

Foto: Marcelo Barroso



Dilson Oliveira - Amizade

Foto: Marcelo Barroso



Francisco Eduardo – Lendo a Biografia

a profícua produção em curso, tendo como pano de fundo a cena cultural originada pelo convívio e pelas experiências no “entrelugar” do Beco).

A significativa e valorosa reunião de artistas visuais *Em torno do Beco* opera no sentido de contribuir com a formação cultural, a descoberta e o exercício dos já consagrados e novos talentos e, principalmente, de proporcionar enriquecedora convivência com a arte, nas mais variadas técnicas e estilos, por meio de cores, formas, texturas e relevos, que expressam o modo particular de ver o

Foto: Marcelo Barroso



Tony – Casas Populares

Foto: Marcelo Barroso

mundo, perceber a vida e encantar o espectador.

Os artistas visuais do *Em torno do Beco* e do atelier de Jotó são: Ângelo Desmoulins (Jotó), Allan, Alexandre Ribeiro, Arthuri, Assis Marinho, Dilson Oliveira, Fábio Eduardo, Francisco Eduardo, Giroto, Lavoisier Cunha, Nilson Araújo, Renata Lisieux, Renato Monte, Tony França, Valderedo Nunes e Verônica Maria.

Foto: Marcelo Barroso



Nilson – Galo de Campina



Lavoisier Cunha

Foto: Marcelo Barroso



Valderedo Nunes - Mulheres

Foto: Marcelo Barroso



Renata Lisieux – A Vida no Beco

Foto: Marcelo Barroso



Verônica Maria – Pavão Misterioso

3 -Façanha, José Marcílio de Sousa. Beco da Lama: Formas e Cores de uma plástica da vida. Natal, RN, 2014. p. 14. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13841/1/BecoLamaFormas_Fa%c3%a7anha_2014.pdf. Acesso em: 8 nov. 2021.

4 - A expressão “entrelugar” – originalmente com hífen – remonta a Silviano Santiago, na década de 1970, e em seu sentido atual foi consagrada academicamente por Núbia Hanciau, Cláudio Benito Ferraz e Maria Cristina Cardoso Ribas. Em Natal, foi carinhosamente empregada, em relação ao Beco da Lama, pelos saudosos poetas Bianor Paulino e Blecaute [nascido Edgar Borges].

Da arte bruta e da arte naife



Iaperi Araujo

Médico, escritor e artista. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

Não há coisa mais importante para a cultura de um país do que o resgate das obras de criação intelectual do seu povo mais humilde. Lá estão registrados os temores as vivências, o fabuloso e o encantado. Também a alma do povo transcendendo inclusive o imaginário. O real, cotidiano de sofrimentos e perdas é o conhecido. Teses de Sociologia e Etnografia. O domus sendo abrigo de poucos e pobres sonhos, sonhados nas redes de dormir que como estandartes de pobreza, enfeitam o interior das casas entaipadas, onde a luz dos candeeiros se confunde com a luz da lua que perpassa os espaços da folhagem seca que lhes serve de teto.

Mesmo assim, vivendo a pobreza absoluta, a beleza pode sobreviver. E sai dos sonhos, das alucinações, dos pensamentos que são sofrimentos, da espera metafórica de uma outra vida de menos males e sofrimentos.

Ai se refugiam os sonhos. Sua materialização faz nascer a herança ancestral do criador. Interpretações de visagens, alucinações de vivências. O espaço limitado dos quadros não é finito, pois abrange também o cotidiano do sofrer. Ultrapassa com força o limite do espaço onde é



Antônio Roseno



Antônio Roseno

criada. Tanta coisa não dita por não terem palavras, mas como o homem primitivo, são expressas em figuras e cores. Nos desenhos rupestres dos homens primitivos, se confundem o real e o imaginário. A crônica do acontecido, os desejos e as alucinações dos sonhos. Sobrevivem na arte popular. A desproporção reporta aos sonhos e ao bestiário imaginário. Os elementos da criação podem ser desproporcionais às coisas simples que o rodeiam e que não merecem destaque. As cores fortes, impõe-se para a dominação do campo de sua arte para sobrepor-se aos outros elementos com a ênfase que somente a cor forte pode conceder para formar a sua criação artística e a ocupação dos espaços, antepondo-se ao latifúndio de que não lhe é de direito.

A arte popular é indefinida. Parte da arte rupestre, pintada nos lajeiros de pedras e nos locais de rituais místicos e se torna contemporânea no registro das paredes das casas, nos painéis de bares e mercearias, nos estandartes de festas e na criatividade do povo que não tem limitação de espaços. A temática é sempre vivência e aí repete o gesto ancestral dos primitivos habitantes das cavernas que registravam nos espaços das paredes de pedra das grotas, a crônica de suas vidas. As caças, os rituais de cura e de iniciação, as viagens, os viajantes, as caças, as ilusões e os sonhos. Em algumas dessas pinturas, nota-se desenhos de estranhos seres que se parecem com viajantes do espaço. Na verdade, são guerreiros com suas máscaras rituais celebrando a fertilidade dos campos e a vitória nas guerras,

O homem primitivo pintava com poucas cores. Eram as disponíveis nos ferrosos, nos terras, nos ocre, negros e rubros. O artista popular contemporâneo também sente a mesma limitação. Na maioria das vezes usam anilina ou esmalte sintético e com essas cores conseguem criar mundos e alucinações numa tentativa ágrafa de registrar sua história.



Antônio Roseno



Antônio Roseno



Maria do Santíssimo



Maria do Santíssimo



Maria do Santíssimo

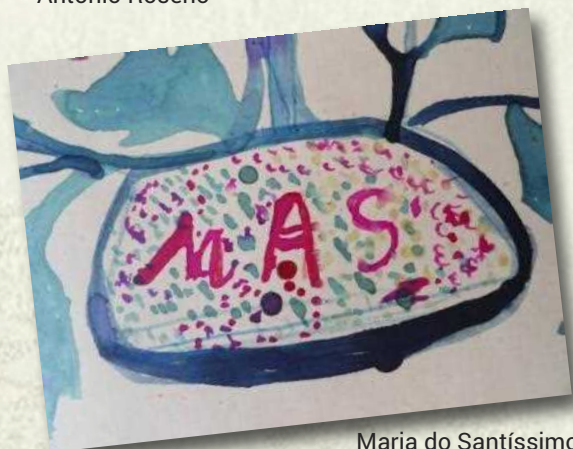
Dois artistas potiguaros são marcantes nessa criação. Antonio Roseno (1926-1998) que mesmo nascendo em Alexandria, RN fez toda sua carreira como artista a partir de 1961 em Campinas, São Paulo e Maria do Santíssimo (1890-1974) que viveu toda sua vida em São Vicente no Seridó potiguar. A insistente necessidade de registrar o cotidiano em suas pinturas são comuns. Em Antonio Roseno, era tanto a pintura em todo substrato possível de recebela, quanto a fotografia, sua paixão. Não se revelou como fotógrafo do insólito cotidiano das poses nos jardins públicos, das festas de casamento ou de aniversário, mas nas pinturas de personagens de sua admiração como Santos Dumont e a série de presidentes do Brasil. Completava seus retratos com frases que se repetiam em quase todos os seus quadros, muitas vezes no verso, sempre escrevendo que suas pinturas foram fundadas em 1961 e seu desejo de ser pássaro. Tinha uma consciência de que aquilo era arte, o que diferenciava de outros artistas da arte in situ. Pobres habitantes dos espaços marginais das periferias das cidades, que não se rendiam ao simples e corriqueiro “lutar pela vida”, trabalhando nos campos ou como serventes de pedreiros, nos mais humildes ofícios dos homens. Antonio Roseno era diferente. Vivia numa favela da periferia, mas almejava a valorização de sua arte. Tinha a consciência de que produzia alguma coisa que para ele era arte. Mesmo ágrafo, sentia a necessidade de escrever alguma coisa nos seus quadros para que todos entendessem sua criação. Sem saber escrever pedia a alguém para copiar seus textos num papel que ele copiava compondo suas criações artística. Maria do Santíssimo era diferente. Vivia na rua principal de sua cidade, mas mesmo seu marido sendo proprietário de terras e comprador de algodão, castanha de caju, mamona e maniçoba, sua vida era humilde e caseira. Tomava conta das coisas da casa. Fazia refeições rústicas e nas horas vagas, trancava-se na



Antônio Roseno



Antônio Roseno



Maria do Santíssimo

sua camarinha que mesmo durante o dia era muito escura pois não tinha janela e com lamparinas à querosene e velas dos oratórios, fazia suas orações e quando podia, na mesma semiescuridão pintava seus vasos de plantas, cajueiros, galos, pavões e pintassilgos ocupando todo o espaço das cartolinas como uma perdulária de um extenso latifúndio de criações.

Iaponi, meu irmão, eu dedicou-se à pintura naife, indo morar no Rio de Janeiro, levou alguns trabalhos da artista para mostra-los a alguns críticos. Carlos Cavalcanti, Roberto Pontual, Clarival do Prado Valadares, Geraldo Edson de Andrade, Walmir Ayala e José Roberto Teixeira Leite, que sofreram o mesmo impacto do professor e crítico de artes em São Paulo Geraldo Porto ao descobrir Roseno numa favela de Campinas. Havia vida entre os mais humildes, os ágrafos e os isolados dos conceitos etnográficos de cultura e saber. Claro que havia. A dicotomia entre a arte dita civilizada, conceitual, produzida sob cânones e a arte espontânea, livre, inesperada e transgressora fora sempre responsável por esse distanciamento. Somente os intelectuais que se dedicavam ao estudo da cultura popular e que conheciam as pinturas rupestres, valorizavam essa arte bruta e in situ.

Maria de Santíssimo não fazia arte bruta, arte selvagem e despojada de qualquer sentimento de ternura. Sua arte era doméstica e singela, na alegria de ter no quintal cajueiros e castanheiras, flores no vaso, cravinas e rosas la france. Era criadora e como todos os artistas primitivos, compreendia sua criação e mantinha com ela um diálogo de criador e criatura. Registrava o cotidiano e se preocupava com sua vitalidade. Nas pinturas onde conviviam galos e passarinhos, se preocupava em pintar grãos de milho ou frutos sazoados ao sol, para matar a fome de suas criações. Desvelo de mãe e de criadora. Mesmo criando uma arte mais delicada e feminina, Maria do San-

tíssimo tinha a mesma compulsividade de criar de Antonio Roseno e essa é uma característica da arte popular.

Seu universo, aparentemente de poucos personagens não se esgotava, mesmo com a dificuldade aparente de tão poucos elementos compondo uma obra de mais de 400 quadros. Algumas vezes apareciam pintados burricos e vacas. Domesticados, pois usavam sela arreios. Os pavões desfilavam com suas cores competindo com as guirlandas de flores naturais ou como ela mesmo informava, “em guirlandas de papel crepom”. Personagens humanas eram pouco presentes. Mulheres, com cabelos bem penteados, vestidos no meio da canela e sempre com bolsas a tiracolo. Seu casario e capelas, eram muito parecidas com as casas de taipa e varas, pelos riscos de cores repetidos que substituíam a pintura chapada e sem movimentos que poderia utilizar. Passarinhos e frutas.

Maria do Santíssimo era uma velha senhora que cuidava com o carinho de mãe seu latifúndio colorido e alegre e transmitia aos espectadores esse amor à criação, como uma cantiga de ninar ou como uma oração ao criador.

Antonio Roseno desenhava em tudo que estava às suas mãos. Papelão, latas, material do lixo e seu universo – diferentemente de Maria do Santíssimo – era a criação de sua mente em turbilhão. Onças, animais domésticos, personagens históricos de sua administração referenciados em mensagens escritas que por ser um analfabeto, pedia a alguém para escrever num papel e ele transferia ao campo de suas pinturas. Dizia querer ser um pássaro para ser livre e conhecer o mundo e que sua arte fora fundada em 1961. Esses códigos tanto poderiam estar no campo de suas pinturas, quanto no verso do quadro onde no caos de sua mente ele posava de filósofo como “fui um homem que nunca tive um amor na vida”.

Foi o professor Geraldo Porto que o descobriu no acaso e procurando-o encontrou na favela onde morava



Antônio Roseno



Antônio Roseno

nas piores condições de vida. Era fotógrafo de rua e até fizera um curso para saber melhor a arte que escolhera. Diferentemente dos artistas ágrafos, mostrava ter conhecimento da importância de sua obra que supervalorizava. Conseguiu ainda em vida expor em Salões importantes, inclusive na Universidade e no exterior, mas morreu pobre deixando um legado que está exposto na Universidade.

Maria do Santíssimo, diferentemente de Roseno, desconhecia o valor de suas obras. Minha mãe Milka, meu irmão Iaponi, também pintor e eu, comprávamos em Natal onde morávamos, o material que usava para pintar. Rigorosamente cartolina e tinta anilina. Minha mãe que sempre ia à cidade de São Vicente e que a chamava de comadre, se encarregava de entregar o material e comprar sua produção que nós distribuíamos aos críticos, museus e marchands. De início cobrava 1,0 a 2,0 cruzeiros por quadro. Num momento, ela majorava para 5,0 cruzeiros, mas desculpava-se a minha mãe por haver aumentado o preço dos trabalhos.

Participou – sem intuir o valor – da Trienal Primitiva de Bratislava na antiga Tchecoslováquia, na representação Oficial do Brasil e além de uma individual na Galeria Goeldi no Rio, na Collectio que comemorou os 50 anos de Arte moderna em São Paulo, participou como convidada do Projeto Atco-iris da FUNARTE na Galeria Rodrigo de Melo Franco no Rio e do Salão de Verão de 1974, promovido pelo Jornal do Brasil, sendo premiada ao lado de um trabalho de ultra vanguarda: “Tropical landscape” feito de cortinas de plástico sobrepostas em tamanhos crescentes e em degradês de azul.

Vê-se claramente as diferenças da arte bruta representada por Roseno e a arte naïfe, primitiva e ingênua de Maria do Santíssimo, que mesmo sendo uma arte natural e espontânea, guardam no impulso criativo a beleza e o mistério da criação dos artistas ágrafos.



Antônio Roseno



Maria do Santíssimo

